

MICTLAN

RAFAEL DE ANDRADE

JUN 30 1930



滿鐵
S. M. R.

MICTLÁN

Rafael de Andrade

APPALOOSA
Online Indie Publishing

Livro: AP0020

Rafael de Andrade – Mictlán 1 Ed. 2018

Appaloosa Online Indie Publishing

A book by Andrade; Rafael

Edição

Renato Gomez

Produção

Felippe Regazio

Arte, destruição, horror e re-criação

A vida é um vazio ou uma ilusão de felicidade. Acordamos e recomeçamos nosso eterno ciclo de significações e neste momento, ciências, religiões, paixões passam novamente a ter sentido. Não eternamente, mas no exato momento em que nos propomos – automaticamente – a fazê-lo. Nesta constatação consiste o terror, a realidade que a literatura (que é diferente de Literatura) deve confrontar.

Durante os séculos dezenove e vinte foram escritas as mais belas histórias que enfrentaram todas as estas significações: o belo e o velho (feio) com Wilde, o homem moderno e suas vicissitudes com Dostoiévski e o herói vazio com seu herdeiro rebelde, Kafka. Estes deuses criaram, deixaram como zombeteira herança para nós, um enorme labirinto, talhado com sangue e dedicação extrema. O labirinto é belo, têm Balzac, Gogol, Marquez, Doyle e outros grandes como arquitetos. Muitos “Escritores” (que reproduzem Literatura) não sabem da existência do labirinto, não leem, não investigam e por isto giram inutilmente por toda vida escrevendo o que já foi feito.

Já outros reconhecem a existência de tal titânica construção, mas fingem que não ou não querem superá-lo, falta vigor ou acham tão bela a construção que passam a copiá-lo. Em nenhum destes caminhos vejo a execução de uma

verdadeira intenção de arte (literatura, libertinagem, destruição, revolução).

Arte é em tudo que li e escrevi uma forma de confronto ao horror do real. A vida desvencilhada de toda ilusão, de toda significação, glamour que recheamos o artesanato que chamamos de arte. Bem, concordo com Tolstoi, a arte não deve ser um dos produtos do mercado, estas peças reproduzidas em grande escala e copiadas ponto a ponto não são, nem nunca foram, arte. Não tomo a arte como religião, a arte é a última arma do espírito livre contra as máquinas da tribo e na guerra, toda arma é refinada e amolada diariamente, é um meio de sobrevivência, minha antropofagia, como deixaram bem claro em “O Barranco¹”.

E falando em antropofagia, sou um artista orgulhoso e egoísta, devoro até mesmo aos que falta fome, aos que se dizem devoradores. Aponto como causa do surgimento do regionalismo, a incapacidade dos jovens modernistas em abarcar tudo a que se propuseram. Como explica Bourdieu, os participantes “novatos” do campo literário brasileiro do final do século dezenove até a terceira ou quarta década do século vinte se propuseram a tentar ocupar as posições de maior destaque dentro do campo e podemos dizer que conseguiram, mas ocuparam a exata posição dos anteriores, exercendo a

1

Conto que faz parte do livro Méftis, publicado em 2017 pela Editora Novas Edições Acadêmicas.

mesma “função” da “arte” produzida anteriormente a eles: afirmar a existência de uma “história brasileira”, de uma “literatura brasileira” e a mentira vai além “que possa fazer frente a literatura e arte universal”, sabemos que, com pequenas exceções, a Literatura brasileira é trabalho de uma mentalidade servil, desde os seiscentistas até o lançamento do último livro sobre vampiro ou mago da bienal deste ano.

Porque então, uma Literatura pronta para se consolidar enquanto nacional, que pode fazer frente a literatura mundial, se fecha em localismos e regionalismos? Pois falta fome, ou falta coragem aos escritores “brasileiros”, faltou coragem aos modernistas: é utópico (Moore e Campanella: ideal a ser alcançado) pensar, mas penso: em vez de ocupar os espaços existentes no campo literário brasileiro, os modernistas poderiam expandir, renovar, destruir tais postos e reconfigurar totalmente tal campo. É utopia e teoria sociológica já não suporta minha afirmação, mas a literatura supera as teorias enquanto enfrentamento da vida. Os jovens ricos ou influentes do modernismo poderiam liquefazer uma ‘Literatura Brasileira’ e buscar literatura, enfrentamento do seu horror, sem se calcar em bandeira, símbolo ou metrópole qualquer.

Nos anos seguintes, tivemos um retrocesso, desistimos de qualquer universalismo e fechamos no regional. O pensamento é simples: “como não conseguimos abarcar o universal, afirmamo-nos enquanto literatura feita dentro de um espaço geográfico-social, e ninguém poderá nos retirar

deste espaço, pois ‘vivemos aqui’, somos ‘filhos da terra’, somos ‘alguma coisa enses ou anos’”.

Como acredito que nós, seres do Barranco, enquanto libertinos, forjadores de literatura-arma, poderemos romper com estas estruturas do local, do regional, do brasileiro, do pequeno, do sem-leitura, da ignorância? Todos os apontamentos foram realizados: romper com o regional se faz no expandir dos espaços, das leituras, da investigação e mais provavelmente, na noite escura, no quarto bolorento, na sede de vingança do libertino – e no fim, romper com o regional é libertar e “re-criar” a região sobre outras perspectivas mais cruas. Só a fome nos une, é verdade, mas há um verme em meu estômago que, não importa o quanto me alimente, sempre estarei com fome e assim sendo, morrerei com fome.

Rafael Ademir Oliveira de Andrade

2018

“El Mictlán era la última morada de quienes no morían en batalla, parto, sacrificados o por agua, era el lugar de los muertos.”

Luz Espinosa, Cultura Colectiva.com

O CÍNICO

“Defuncti injuria ne afficiantur”

—Edgar Allan Poe

Em vida fui considerado um homem bom apesar do tempo dedicado a tratar meu próximo como objeto. Deixei para trás filhos, uma bela viúva e um grande montante de capital. Em meu velório fui aclamado como homem sábio, de bem, bom pai, bom filho, bom marido e tive um enterro que foi considerado à altura de meus atos.

Quando adulto passei a compreender as relações vis que dão movimento às estruturas do mundo, aprendi a reter na fina camada da aparência o que diz respeito à obediência moral e estar em essência, pronto para devorar o outro para me destacar, caso seja necessário. Deixo minha amante, sempre lembrando seu belo sorriso, e tudo mais que possa ser deixado para trás para seguir meu decadente caminho.

A entrada é estreita, onde se passa rastejando, cavado na terra quando somos retirados do caixão [sinto pena dos que foram cremados ou deixados para serem devorados pelos animais terrestres ou marinhos], quando avançamos, o caminho de volta se fecha. Fiquei com medo, pois em minha

vida nunca gostei de estar preso a situações sem volta e as evitei mesmo que as tenha procurado.

Arrasto-me na lama, o túnel se tornou como uma daquelas longas caminhadas que fazemos, onde os músculos, a vista, a cabeça doem e parece que nunca chegamos. E de que importa chegar se suplícios ainda piores me esperam? E se não houver fim, se o inferno for justamente isto, preso debaixo da terra por toda a eternidade?

Disse várias vezes, meu pai e meu padrinho que se foram antes eram homens de bem e segundo as leis de um deus que todos acreditam, foram mandados ao inferno, para a danação eterna onde o fogo não cessa, onde existem as trevas exteriores e os vermes se deliciam para todo o sempre de nossa carne, queria ter seguido uma vida virtuosa como estes homens para quando morrer estar ao lado deles mesmo no inferno. De repente, quando chorei e me humilhei o suficiente, o buraco simplesmente desaparece sobre meus pés.

Chego a um casarão central com portas bem abertas com um tom de receptividade, do lado direito um jardim com belas estátuas em marfim, brancas como a neve, imperecíveis retratos das musas e valquírias, das mais belas mulheres, dos mais sábios e belos homens de todos os tempos, belas e perfumadas flores das mais variadas cores e perfumes e mesas com confortáveis assentos embaixo da sombra das árvores perfeitos para um bom piquenique ou uma boa leitura no final de tarde, um belo restaurante onde as pessoas comem o que

desejam, da forma que desejam e são servidos por belas senhoritas e belos rapazes com uniformes impecáveis, tudo o que desejares sendo feito da melhor forma, desjejum, almoço e ceia, todos os pratos do mundo.

De tão agradável, muitos dos que chegaram há muito tempo ainda estão aqui, comendo o que podem, não existe pressa já que a dívida infernal será paga por toda eternidade, o cobrador nem o devedor possuem pressa em nenhum destes quesitos. Decido ir para a mansão ao centro, quero conhecê-la por dentro, quero ver se encontro algum conhecido ali a fim de conversar e saber sobre minha nova vida.

A entrada principal, bem ao centro, é ampla e os portões estão sempre abertos e seus mistérios interiores nos levam quase instintivamente a adentrar. Decorada por belos quadros, com grandes quartos iluminados e bem mobiliados, banheiros sempre limpos, já que de fato ninguém os usa, um ato de ironia do arquiteto, talvez um morto, recém defunto que ainda tivesse saudades de sua inútil ciência ou talvez esta casa seja a cópia de uma casa na “terra”.

Pois bem, ali numa sala, meus olhos enchem de lágrimas ao perceber feições que me são demasiadamente familiares: os olhos negros, os cabelos escuros com as proeminentes entradas (uma calvície que nunca chegou), o velho sorriso cativante e a barba devidamente aparada: ali está meu pai, sentado e lendo um livro, com uma bengala

encostada na mesa (ainda lhe afligem as doenças de quando era vivo?).

Está me chamando com uma das mãos, em silêncio, na verdade mal tira os olhos do livro, apenas me chama e aponta para a cadeira a sua frente. Enquanto caminho em sua direção, percebi como sou seu oposto: meu forte pai, com seu rosto decidido e sábio, uma mistura de potência juvenil com sapiência dos velhos, suas atitudes de verdadeiro líder na nossa casa, no trabalho e até mesmo com os amigos, se transmutou graças à genética e a minha própria fraqueza em um ser menor, mais calvo, com um olhar trêmulo e sem graça (o mais sem graça dentre todos), com uma liderança instável, sendo líder em apenas alguns grupos, em algumas estruturas mais maleáveis, um ser menos inteligente e menos sagaz, e tudo isto me envergonha, apesar de que tenha tentado inúmeras vezes ter colocado a culpa nas estruturas sociais, no “passar do tempo” (doce ilusão que me fizera dormir tranquilamente por muitos anos, mas que foi diluída anos antes de minha morte), na minha criação e em outras coisas. Mas todas estas tentativas foram em vão, no inferno, nosso eterno juiz, que não é deus e sim nossa própria consciência, é extremamente dura em suas decisões e nos cobra justamente pelos atos cometidos, por nossa fraqueza e por nossa soberba.

Quando o libertino Conde John Willmot se arrepende no seu leito de morte, questionando a existência de deus, indo a auxílio do rei, ele se arrepende e pede perdão a sua

consciência. Deus, moral, lei são apenas dores da consciência do homem ao denegrir um igual, o medo de ser o próximo, afinal de contas, rei, mãe, esposa são pesos carregados na vida e no inferno todas estas coisas e principalmente deus te abandonarão à tua própria consciência, teu verdadeiro juiz.

Me aproximo da cadeira e sento. Tentei ter forças para levantar minha mão e tocá-lo, mas apenas chorava e as forças, mais uma vez, me foram tomadas. Antes que uma saudação mais amistosa pudesse ser feita, pai começa a falar de forma violenta:

- Te falei, te avisei, mais de uma vez e toda vez que você ia dormir! Seres de nossa espécie não deveriam ser reproduzir! Por mais que você tenha tentado encher a terra de meus descendentes pensando que me alegraria com isso, te aviso isto não faz diferença nenhuma, nem sei por que estou falando com você.

Uma pausa e volta a ler, meu choro se transmutara em um olhar espantado, meu coração voltara a palpitar como quando era criança e iria receber uma bela surra. E, não conseguindo se concentrar na leitura volta a me atacar do mesmo modo decidido e com a mesma expressão que atacava seus inimigos em vida:

- Não é fácil, não foi fácil ter que abandonar aquelas pobres crianças que eu amei em tão pouco tempo e como pode, cometer a mesma loucura? Amar as crianças que em breve deveria abandonar? No fim, senhor estranho, todos devem

abandonar a todos. Mas, me responda como estão as pobres criancinhas?

Ainda atordoado, com dificuldades de organizar o pensamento, respondo:

- Estão bem. Sua mãe é muito dedicada, como o senhor a ensinou, tem seus três empregos, estuda e segue sua vida apesar de que eu não tenha a visitado muitas vezes, mesmo sendo sangue do meu sangue, morri sem visitá-la e as suas pobres criancinhas. A menina está se tornando numa bela moça, parecida com sua mãe quando mais nova (nesta hora ele suspira saudosamente) e o rapaz tem o mesmo olhar que nós. Mas, quem sabe o que o futuro destina a eles, quem sabe? Choraram muito no seu enterro e talvez tenham chorado no meu, ouvi poucas coisas, só uma confusão.

Interrompe:

- Não ensinei nada a ela do que ela fez! Mais uma vez, pobre iludido senhor desconhecido, suas lágrimas em meu enterro (quanto tempo faz? Cinco anos? Seis?) não eram para minha pessoa, eu não as necessitava mais! Foram todas para ti as lágrimas de meu funeral, foram lágrimas de medo da solidão, de estar desprotegido sem teu velho e poderoso pai, como você me considerava. Mas não se julgue fraco, pois assim são todos os seres humanos, não dão valor à proteção que tem e quando a perdem, se desmontam a chorar.

Sei que todas as noites você se sente mal ao lembrar-se do beijo que me negou, eu doente e cambaleando em uma

perna me abaixei em teu encontro para você se virar e me negar o beijo e mesmo assim, com um belo sorriso te deixei dormir ainda mais, me abaixei ainda mais para ter dar um beijo no ombro, como doeu na minha doente perna e na minha doente mente, já fraca pela doença, ter um beijo negado pelo filho. E você queria que eu te tratasse bem aqui por tuas ações depois que eu morri? Elas pouco importam! Mas por falar nelas, ainda tenho muito a reclamar e muito a falar, primeiro pelo esforço que fiz para te seguir depois de minha morte e depois porque além deste esforço tive que ver tuas burradas se concretizarem! Não te ensinei a errar, senhor estranho.

Continua:

- Graças a sua capacidade reprodutora, em breve teremos mais pessoas para nos preocuparmos e veremos mais desgraças da terra. Meu... (iria me chamar de filho, mas desistiu), senhor estranho, o seu primeiro erro foi ser ingênuo. Eu morto, você solto no mundo, os lobos que nos cercam iriam te devorar com toda certeza e foi doloroso ver estes lobos matarem a minha mais bela ovelha e devorar a outra, vomitando em seguida um lobo ainda pior, ainda mais deformado que é você. Meu terceiro bisneto foi concebido em meio a uma ilusão: que eu voltaria para perto de você, sendo filho e não mais pai.

Ledo engano: agora vemos ambos que o correto seria que você deixasse de ser meu filho e passasse a ser filho de ninguém. Deste teu erro nascera teu primeiro filho e como é

bela a pobre criança, que nada tem a ver com teu erro e me inspira muito mais pena do que raiva ou amor. Ainda mais por ter um pai distante e relapso como você e mais, meu ódio, meu amor e minha pena nada influenciariam a ela, mas vejo nos teus olhos que a você sim, por isso falo com tanta raiva, para te punir.

Levanto com falta de ar e cambaleio, quero correr, sair de perto de quem tanto amava e ainda faltam tantas verdades! Não quero ouvi-las mais! Olho para frente, atrás daquele homem e posso ouvir barulho de água corrente, vou em direção a ele mesmo sabendo que não há para onde correr, mesmo vivo isto já me consumia e agora que não tenho amigos, namoradas ou familiares? Restará somente a dor?

O inferno que tanto se fala não é formado por trevas exteriores, por vermes que não morrem e por fogo, mas sim por um agradável lugar, pessoas lendo bons livros, um clima agradável e a pessoa que tanto quis rever me torturando! Corro em direção ao rio, o rio é o local que ele tanto amara! Corro, apesar de não haver para onde correr.

De águas límpidas, com pequenos peixes vagueando de um lado para o outro, árvores que proporcionam sombras e deixam o sol nos beijar na proporção certa. Toco a superfície da água com um dos dedos e pequenas ondas se formam, sinto um calor que percorre todo o meu corpo, molho as mãos, os braços, levanto-me e entro um pouco, molho os pés, a

temperatura da água é agradável, começo a esquecer o que acontecera.

Os pensamentos ruins gostam de aparecer junto com o sol de manhã cedo e desaparecer somente no momento que fechamos os olhos para dormir, bem tarde da noite, vão engano pensar que a morte é como um eterno sono, ela é como um eterno estar acordado, um eterno lembrar e sofrer. Então, as águas em torno de mim começam a escurecer, como um sangue podre, como o líquido que escorre do lixo e começa a tomar conta de todo o rio, os peixes boiam mortos, as árvores murcham e começam a cair perigosamente ao meu lado e adiante, fico apavorado, tento correr para longe, mas não é possível sequer mover um pé em direção a margem.

Sou tragado repentinamente para dentro de um túnel, ingerindo aquele líquido e ouvindo as grandes mentiras que sempre ouvi e a maior delas é: Eu te amo! Quando se ama se faz tudo pela outra pessoa! Não existe amor maior! Da próxima vez iremos fazer melhor! Evolução! Os homens são bons! Eu acredito nos homens! Destino! Todas os milhares de mentiras, principalmente as ditas no púlpito ecoaram e zuniram no meu ouvido por um tempo que não pude contar e que, por mais que fosse somente um segundo, seria extremamente insuportável esta situação, sobrevivi pela simples convenção de não poder morrer, aqui, as coisas se tornam em certos pontos mais fáceis quando se aceita.

Apareço em outro ambiente, uma versão corrompida do anterior, o jardim é feito de vegetais mortos ou morrendo, do lado direito somente as cadeiras permanecem sujas de velhas e fedidas folhas, nenhum leitor, nenhum garçom, no centro da casa a porta entreaberta estando uma de suas metades caída ao chão.

Dentro da casa, os quadros são de excelente ‘qualidade’, qualidade aparente, pois são como as obras de arte que não querem dizer nada a não ser declarar a vontade de autor de acumular ainda mais capital, palavra e objeto demasiadamente inútil aqui, os quartos estão desarrumados e algumas camas sujas de sangue, os moveis velhos e mordidos e no último quarto encontro um inesperado morador.

A bela dama de preto, pele alva, cabelos louros e lábios pálidos, deixa aparecer uma de suas coxas, os seios se destacam no decote do vestido e seu cabelo está formatado em uma bela e longa trança, sentada na beira da cama, me chama com sua voz fina e decidida enquanto que com uma das mãos me faz sinal que se aproxime a outra se encontra no meio de suas pernas, ela se toca e não o faz com frequência, faz porque sentiu meu cheiro, minha aproximação.

Deita-se rapidamente, voltando seu rosto para o outro lado, deixando sua mão cair para fora da cama e seus dedos quase tocam o chão. Corro desesperadamente e seguro seu braço, que começo a beijar. Submisso, começo a tocar temerosamente seu corpo e fico excitado, não por minha carne,

que não existe mais, mas pelo fato de tão bela mulher estar se oferecendo, personificação de minhas musas, de todas elas, estou inebriado por sua presença e em meu olhar e no meu toque, começo a admirá-la. Rapidamente ela se vira e desfere um golpe com as pernas me afastando para longe, caindo de costas no chão e batendo a cabeça, levanta-se e coloca um dos pés sobre minha barriga, encarando-me e pronunciando tais palavras:

- Porque te humilhas tanto a mim? De certo gosto do que tu fazes? E tu? Não sou quem tu procuras e não sou objeto ou tesouro para que tu possas me guardar em um baú e trancar este com chaves de tua vontade. Na verdade, sou eu que te escravizo com a força que possuo no meio de minhas pernas, pobre escravo... Libertino? És um coitado que pensas que estás liberto ou destruindo prisões, confessa: gostas mesmo é de estar bem preso a um órgão, de poder se deliciar dentro dele e ficar preso. Teus textos serão apenas textos enquanto tiveres medo de se libertar, principalmente de minha bela curva.

Sou tua maior e eterna prisão, o gozar. Os maiores homens sempre se renderam a mim e porque tu não o farias sendo um pobre homem que acorda todos os dias lembrando-se de um pobre passado, pobre em todos os aspectos você é, coitado. Se os reis, os deuses, os papas, os governadores o fazem, porque você não faria?

Estás agora pensando que é diferente destes porcos imundos, entretanto devo te dizer que as coisas não são bem

assim, a nossa verdade: você é ainda mais covarde que estes, ainda mais fraco e ainda mais desprezível, pois se vangloria de não querer ser grande entre os homens e querer ser grande entre os super-homens, mas não passa de um homem que a nada conquistara, a diferença entre você e um seguidor fanático é apenas que mal os levaram a cegueira. A diferença entre você e o revolucionário de tua época é que você sabe que é um derrotado e ele finge não saber, ambos possuem a mesma natureza.

Atordoadado mais uma vez, de tão escravo que sou, ouvi poucas palavras e prestei mais atenção do que deveria. Fala a mulher:

- Entretanto sou generosa, deixarei você morder meu pescoço, deixarei você beijar meus lábios, morder minhas orelhas, arranhar minhas costas, me possuir e então olharei para trás e fingirei estar satisfeita, eu sou uma deusa generosa. Você demorou menos que dez minutos para fazer todas estas coisas, como você é desprezível.

Ah, como é horrível o inferno. Primeiro sou hostilizado pelo pai que sempre chorei por tê-lo perdido, agora sou humilhado pelo ideal de mulher que sempre esperei, ela tanto me desprezou que me deixou possuí-la. “Como você é desprezível” são palavras que ecoam em minha cabeça. Corro, sempre correndo mesmo estando sentado em uma cadeira. Tropeço e ouço um grito de dor, um homem deitado no chão, nu, com um cigarro na boca fuma sem se preocupar se alguma

alma que passasse fosse tropeçar nele. Ele se levanta, dá um leve sorriso e começa a falar mexendo seu bigode enquanto o faz:

- Meu caro amigo, porque perde tempo com aquela mulherzinha? Vê, agora mesmo estava a transar com ela por muito mais tempo que você. Ela não é digna de teu tempo e de tua humilhação, para que aprenda, nenhuma é, nem homem nem mulher, seja livre e pobre, mas não seja mais uma alma para alguém, é meu primeiro e último conselho de amigo que te dou, já que não seremos mais. Já que está aqui e como gosto de contar minhas histórias para quem menos gosto, deixa te contar uma, de forma resumida, para que possas ir mais rápido é claro e elas, com certeza, te distrairão um pouco de tua agonia.

Comecei escrevendo para conquistar as pequerruchas, ainda no ensino fundamental e funcionou de fato, iniciei o curso sendo o esquisito e terminei sendo o poeta que ganhara todos os concursos de poesias da escola. Os meus professores viam em mim um futuro vagabundo, poesia não dá dinheiro como criar gado, pensavam, quiseram fazer de mim um criador de bois. Por ser mais um criador de bois e não ‘O poeta’ de minha família logo comecei a escrever a fim de impressioná-los e magoar aqueles parentes menos queridos, logo passei a fazê-lo na faculdade, depois no trabalho, fui demitido, tomado como louco e todos que tiveram coragem de me ler me chamam assim, de ‘O louco’.

E por falar em mulheres, já ganhei algumas por causa de minha poesia, e outras perdi. E por falar nelas, conheci duas belas damas em minha vida, uma que muito amei, muito mesmo, se é que uma pessoa como eu pode amar, ah se Deus permitisse o homem amar, como seria bom e belo o homem, mas um dia ela veio andando para perto de mim dizendo que amava o que escrevia que era perfeito, divino.

Parei de gostar na mesma hora dessa mulher, como pode ela chamar aquilo de perfeição e ainda mais diminuir ao chamar de divino? Até a mais esdrúxula das poesias merece um nome melhor: a de suave mentira. Fui à casa de sua mãe e falei para ela que não queria mais se casar com ela e mesmo que não fosse mais de meu direito devolve-la eu o faria de qualquer jeito e se ela tivesse grávida eu pagaria pensão, afinal já era um homem morto mesmo, tinha uma doença que me mataria em poucos anos que com a graça de Deus este tempo se reduziria com as muitas horas de trabalho, trabalharia como um feliz condenado à espera da força. E assim foi quase como quis, eu, minhas leituras e meus textos, mas conheci outra dama, que me encantara com seu olhar.

Assim que me despedi da outra, viajei para uma grande cidade e passei a morar em uma vila universitária onde ali, com o convívio com outros escritores amadores a minha arte se desenvolveu, escrevi vários belíssimos textos, comecei a escrever para mim e não para alguém e isto me fez um melhor escritor, passei a ler muito alguns dias e não ler nada em

outros, e esta alternância me ajudava em um aspecto ou outro, comecei a passear nos finais de tarde apenas com um livro e o pôr do sol como companhia, ali, naquele curto espaço de tempo podia sentir Deus de verdade, ela apareceu como aquele raio de sol, dê licença para ser repetitivo e meloso em minhas palavras, pois quem vos fala ainda é um homem comum e apaixonado, em seus cabelos loiros, curtos na altura do pescoço e lisos, bem escorridos, era uma mulher alta e um pouco magra, mas não fora isso que inicialmente me encantara e sim seus olhos felinos e seu sorriso nada delicado, só quem viu como eu a vi pode descrever como são belos seus olhos e são tão belos assim somente em certos momentos, quando ela quer e isso a torna ainda mais atraente: só é charmosa assim quando quer. Pensei que queria desvirginar aquela mulher, no corpo e na alma esta ultima sendo o que desejava violar com mais vigor, mas para mim ela era como a verdade para o filósofo, pura e inalcançável, coisas familiares a afastavam de minha boca.

Mesmo assim ela se entregou, apenas por uma noite, me dominou e me deixou sonolento, uma única noite antes de se matar pulando do prédio que trabalhava. Amou-me apenas por desejo ou por ter me amado também? Por qual motivo o fizera? Para se eternizar em minhas palavras? Escrevi sobre ela por muitos anos até que a doença me matou e agora estou aqui dividindo minha experiência com quem não precisa mais! Siga

meu ex-amigo e descobrirá coisas piores que minha história resumida. Siga até a beira do rio.

Sigo o conselho de meu ex-amigo que realmente faz jus ao seu nome ‘O louco’, mas o que sobraria de loucura aqui no inferno e na terra? Sigo para o rio onde uma mulher segura uma bandeja com uma cabeça depositada que muito fala a todos que passam, um corpo joga água na cabeça de indivíduos que fazem fila na beira da água e dentro do rio. É o João que batiza, aquele que batizou um velho barbudo há poucos anos e continua a realizar seu ofício! Todas as almas que morrem sem batismo são logo levadas pelas outras para serem batizadas pelo mais ilustre dos João que batiza e estas se sentem ainda mais consagradas que as que foram batizadas por padres ‘Zé ninguém’, a maioria dos padres são ‘Zé ninguém’ no inferno. Continuo andando e a cabeça me fala:

- Por favor, me salvem! Mas, quem pode me salvar dos desígnios do Altíssimo? Segurar minha cabeça era para ser o castigo eterno dessa dançarina de pedidos tão maliciosos, mas se tornou o meu tormento eterno ter segura a cabeça por ela. Certas vezes, quando não tinha ninguém por perto ela me colocou no meio de suas pernas e por mais que eu fosse um homem santo, no início por pressão e depois porque comecei a gostar, passei a satisfazê-la. E o meu corpo jaz sem um toque feminino e é impossível para ele deixar o rio e é impossível para esta mulher se voltar para meu corpo sem cabeça. Porque fui condenado a estar aqui? Unicamente por tua pessoa.

Porque tu creres em um pai altíssimo e ignoras o Deus Verdadeiro que há n'outro ao teu lado, quando ele reconhece isso, quando dois reconhecem a divindade d'outro é que se manifesta o que chamamos de amor, quando a divindade supera a morte, quando supera o passado, quando supera o medo do que vem. Não reconheces a capacidade do 'homem' em recriar e destruir as teias que sustentam a realidade mesmo que seja mais fácil aceitar, não vês divindade nisto? Ou algo que se tenha inventado o posto de divindade? Não vês que essa mulher não pode me entender e ao menos pode me jogar no chão com a raiva que ela sente agora porque você não acha aceitável que ela jogue? Jovem homem, este inferno é teu inferno e eu só estou aqui por ser tua construção, teu pensamento tomando forma e todas as agonias e medos são todos teus.

A jovem meretriz, como eu a imagino, esta menina capaz de tal crueldade interrompe ao pronunciamento da cabeça como querendo me esconder o que ele ainda havia para falar:

- Você pensa que somente por estar ainda com teu corpo e cabeça juntos é diferente deste pobre homem? Você é ainda mais dependente de mim do que ele. Enquanto que, por castigo divino, este homem é obrigado a me satisfazer por toda a eternidade sem que possa ser satisfeito, o Senhor Ninguém corre atrás de mim como se eu fosse o maior tesouro da terra. Homem Livre? Liberdade? É o maior escravo que existe: O que

pensa estar livre quando na verdade não é. Pensei bem, porque levantei minha saia ou porque botei uma camisa mais decotada você se atirou e atirou seu dinheiro em minhas pernas. Lembra-se, eu era tão pequena e tão inocente, mas te satisfazia na cama como ninguém... Ainda me lembro como você fingia acreditar em mim, ainda era uma pobre menina virgem quando o rapaz de minha rua me fez mulher, me fez orifício e depósito de coisas jogadas na terra, ainda me lembro quando você me olhou com aqueles olhos de pena e me acolheu em teus braços como se a menina de todos fosse somente tua menina e assim você pensava que poderia dormir em paz.

Mas logo começou a acordar de madrugada, as crises de ciúmes, as passageiras fases depressivas e as curtíssimas fases de autoconfiança. Sim, todos os homens antes de você deveriam morrer, você me tratava tão bem e eles não, mas mesmo assim preferi, em atitudes simples, ficar com eles em vez de ficar com você, ‘Senhor Bobinho’. Ainda me lembro como tu ficavas acordado e ficava me vendo dormir e eu estava fingindo! [Ela sorri docemente] E me divertia muito com você. Mas, tudo que é bom demais não é bom o suficiente para mim e por isso parti.

João que batiza a interrompe, a cabeça e a mulher se entreolham com raiva, ela se cala e ele continua a falar:

- Uma dica para você, meu querido criador. Você só existe para uma coisa: Fale para seus amigos, fale para seus familiares, para teus amores que você só existe para Criticar as

coisas que consegue perceber, caso contrário, se tu fosses somente aceitar o que te é imposto não estaria aqui a falar comigo. Não se esqueça para o que servia o batismo no tempo que vossa senhoria era vivo: Para renascer, para a conversão, para a renovação e confirmação de certas verdades.

A partir de agora debes renascer para outras muitas e mutáveis verdades, conceitos que não serão bem aceitos como verdade, mas no fundo saberás que por um segundo só tu dissestes a verdade mesmo que no outro segundo saibas que era tudo mentira. E que nossa vida não passa de uma sucessão de sim e não, de verdades e mentiras, de amores e ódios e de muitas outras sucessões, “processo dialético” na vida e por último: Não se prenda tanto as tuas correntes, um dia eles se partirão e tu cairás enfraquecido no chão, sem amigos e sem amores, é o momento de tua morte, a morte de teu espírito livre.

As palavras de João me foram confortantes, mas, o que poderia me confortar num lugar como este? O que poderia confortar minha alma num lugar onde todos que amo me despreza e desconhecidos me proferem palavras confusas? Só me resta um lugar, voltar para a tumba e lá ficar até que venha o fogo. No jardim à direita encontro uma tumba aberta com um confortável e bonito caixão, ainda reluzindo como se tivesse sido depositado hoje. Deito-me suavemente para não perturbar o companheiro de sofrimento e penso se para ele seria uma agonia também estar ali.

Começo a reflito nas palavras da meretriz: porque sou assim, porque gosto de acolher as pessoas que não deveria acolher, porque todos devem ser acolhidos? É um sinal de minha fraqueza querer acolher esperando ser acolhido, imaturidade e fraqueza, características que faziam jus às pessoas que eu odiava, sim, as pessoas são como espelhos, vemos nelas os nossos maiores defeitos e ainda somos capazes de cegamente acusá-las! Como fui imbecil e humano. Ouço barulhos vindos do caixão, saio do buraco e sento em sua borda vendo a tampa se levantar, lá de dentro vejo ficar em pé meu querido familiar e P***** que tanto amei e que falecera depois de meu pai. Quais conselhos me daria? Me confortaria da forma que espero? Ou deveria esperar por minha mãe para receber tal conforto? [para dizer a verdade, a muito tempo que o conforto de minha mãe não me é suficiente] Com seu sorriso, meu segundo pai começa a falar com sua voz forte e decidida:

- Porque não o suicídio? Quando você era jovem, as coisas já eram difíceis, suas forças já minguavam para trabalhar, estudar, comer e até mesmo se divertir, pouco a pouco as coisas começavam a perder a graça. Primeiro os objetos mais próximos, depois as construções, as pessoas da sala de aula, as pessoas de teu trabalho, não existia felicidade a não ser quando estava com o que restara de tua família e quando estava com uma bela guria em teus braços e eu vi tua tristeza se transformar em potência e vontade de destruir tudo mas, cego como estava, não percebeu que destruía tua vontade,

teus textos, tuas poesias, teus discursos e tudo mais era um movimento de destruição de tudo ao teu redor, como uma dinamite explodindo ao teu redor e a si mesmo.

Ainda pensou em voltar atrás, mas como bem sabe, ao dar o primeiro passo na corda não é possível voltar. Voltar ao passado, ao antes, ato impossível e demasiadamente desejado pelos homens. Cansado então de lutar e com medo do que se apresentará em breve, se reclinou sobre o trabalho e se fez logo dono de muitas almas já que sempre teve uma vontade de revelar as coisas, revelou assim novas formas de se explorar e de se desenvolver à custa dos outros e não pense que em vida recriminei tais atitudes, na verdade queria o mesmo para todos os meus três filhos e você conseguiu antes de que eu pudesse ver se eles tiveram o mesmo destino já que morri muito cedo [incrível como meu segundo pai aposta na vitória de seus filhos mesmo sem ter visto com seus olhos mortais] mas, confio na decisão de Deus que me mandou aqui apenas para pagar meus pequenos pecados e entre eles está esta minha vontade doentia de ver meus parentes triunfarem mesmo que as custas de outros, “amar ao próximo” que nada, o desejado é ter sucesso e trazer este sucesso para a família.

Agora cumprio pena temporariamente por estes pecados, mas teu maior erro, que te sentenciará para sempre ao inferno ainda está para se apresentar, teu último fantasma.

Quando, aos vinte anos, aquele senhor me disse que eu teria somente mais dez anos de vida, fiquei com muito medo: o

frio na espinha, a sensação de estar deslocado do tempo e do espaço, todos os sintomas do medo de quando a morte se aproxima. Semelhante sensação macabra eu tive no momento que vi, o meu último fantasma, a derradeira cobrança de minha consciência: algo se acolhe em meus braços. A representação de um pequeno ser, um recém nascido. E começa a me falar, mais uma cena absurda nesta narrativa absurda.

- Você me passou esta maldição de estar vivo e nem ao menos ficou ao meu lado em meus anos de inocência para depois me deixar como fez o seu pai. Como pai, tenho nada a reclamar já que não tive um pai de verdade, deixando a responsabilidade de minha criação para o mundo e te isentando com a simples desculpa de que você era muito jovem para isso, para assumir tais responsabilidades. E a vida de minha mãe que você estragou, mesmo se sentindo bem por ter dado a ela dois anos de seu mais puro amor e dedicação, a condenou a uma vida toda de responsabilidades que não assumiu.

E por toda a vida você acordou de madrugada ao ouvir o meu choro em sua mente, me sentia por perto e eu estava longe e logo depois vieram teus outros filhos, e você abandonou a mim e a minha mãe para engravidar aquela prostituta que não é nada senão um par de coxas e falta de educação? E não se esqueça que cresci com raiva de todos vocês e desejei ser superior, unicamente para destruir sua família imbecil, não se

esqueça que perdi minha vida pensando em te destruir e você é responsável pelo meu suicídio, foi você que se pegou a faca para furar meu o pescoço, você é meu assassino.

Para ser mais sincero ainda, eu sempre te amei por debaixo de meu ódio, por debaixo de minhas blasfêmias eu só queria ouvir a tua voz me dizer que me ama. Tudo que fiz, dos meus textos, dos meus estudos e até mesmo meu suicídio foi para te chamar atenção, para ser de novo a ‘sua filhinha’, mas agora te odeio como nunca e vou concentrar todas as minhas forças em fazer mal a tudo que você amou. Solte-me que não preciso mais!

O recém-nascido se transmuta em uma jovem de aparentes vinte anos, branca, com cabelos castanhos que sai andando em direção ao rio, vai se batizar com João, em vida não teve batismo. Um olhar para trás, aquela mesma expressão de raiva que nasceu em seu avô, continuou em seu pai, depois nele mesmo e enfim em sua filha, aquele olhar que desmantelava o coração, que fazia chorar. Tudo se desfez. Agora eu estava ali, com minha alma consciente das coisas, todas as pessoas que conheci se tornaram apenas vultos distantes, tão distantes, eu até ouvia o chamar do meu nome, até queria me mover, até queria chamá-los para perto, mas tudo impossível.

Não podia me mover. Via e podia tocar em minhas memórias, todas elas, do dia que nasci até hoje, minha dolorosa reflexão. Uma parede branca, uma luz que cegava, seria de fato o céu? Sinto um tremor, ouço vozes, ouço falar em

eletricidade, em choque, o ar entra pelos meus pulmões como no de um recém-nascido, ele queima, volto à vida, volto à vida? O que é a maldita vida?

“Todas as coisas boas são fortes estimulantes em favor da vida e, até mesmo, um bom livro escrito contra a vida”. Tendo uma vez visualizado as intempéries do inferno e sabendo do movimento inexorável que me levará até ele enquanto eu crer que este inferno, este satanás, este deus, este eu realmente existem, começo minhas reflexões. Estou preso a uma cama de hospital, fui recuperado de um infarto, fiquei em coma por três dias e agora estou preso, pergunto se um dia já fui livre.

As pessoas passam, os doentes, os ainda mais doentes e pergunto: Por onde começar meu ataque? O que há para ser destruído ainda agora? Onde as estruturas se diluem e tudo se converte a uma coisa: o capital e os benefícios que este pode proporcionar. A minha resposta seria certamente: O capital, mas quem gostaria de ser pobre e não ter dinheiro para comer, ler, escrever quem e o que quisesse? Neste ponto chegamos a uma conclusão: Só podemos falar daquilo que superamos, como posso falar de superação do capital e de suas estruturas morais se, sou e gosto de ser altamente sustentado tanto material quando ideologicamente por ele?

E de todas as coisas que vi neste inferno pude perceber que são coisas que vêm de dentro de mim, são criações minhas e que inexoravelmente estamos condenados a este,

quer seja por nossa vontade ou pela vontade de outros, os traumas, os desejos não realizados, as decepções em relacionamentos, todas estas coisas são ambientes e personagens de nosso inferno, de nosso drama e estes personagens ao se confrontarem com o sempre herói, nós mesmos, são os que devem nos derrotar, antagonistas por natureza e ao mesmo tempo enriquecem nossas cenas neste teatro tão bem ensaiado. De certo existem regras para a exceção, mas aqui falo de mim, todas estas palavras são sobre e para minha pessoa.

E todas as noites acordo suado com um livro jogado ao da cama, toda noite um livro novo, uma busca pela libertação, onde estará? Onde estará? E com certeza não está em alguém ou em algo que não seja minha pessoa. E escrever minha aventura infernal foi o primeiro passo para me descobrir.

URÉIA

Meu nome, não te importa.

Já tenho vinte e três anos. Os homens que comigo conversam dizem que esta idade é uma das mais belas, principalmente os mais velhos. Mas os velhos sempre consideram a idade que passou como a mais bela. Um velhaco de cinquenta anos consideraria os quarenta e nove como a idade perfeita para se estar, por exemplo. É que a vida lhes abandona e sem opção, se agarram ao passado.

Sempre acreditei que a natureza dotava os velhos de uma nova anatomia e estrutura mental, que elas os fazia mais lentos para que o tempo não pesasse sobre suas cabeças, para evitar com que os pobres velhinhos não se matassem. Imaginava a natureza como uma deusa dotada de toda bondade para com os anciãos que já são desamparados pelos parentes mais novos e pelo estado. “Pelo menos a natureza, - pensava eu- deveria ampará-los”. Ledo engano, a natureza exerce sobre os velhos a influência das mais dolorosas.

Ao mesmo instante em que o tempo os engole com a proximidade da morte, as capacidades mentais e físicas dos anciões são diminuídas e eles sofrem, pois agora são incapazes e impotentes. Como velhos lobos da manada, são agora não podem nem caçar nem vigiar os filhotes. Se acreditasse em algo ou alguém a quem me desculpar, pediria desculpas agora,

pois comparei a débil raça dos humanos com a raça dos animais que compõem matilhas e os lobos me vêm logo à cabeça. O ser humano não é um caçador, ele geralmente se parece muito com as vacas, tanto que alguns dos homenzinhos mais diminutos amam as vacas com grande fervor e as idolatram.

A ilusão que os jovens compartilham com os velhos é a mesma. Acreditam que se trabalharem muito ou roubarem muito os outros durante a juventude, terão uma idade tranquila. Ambos os caminhos se enganam, de maneiras similares. Os primeiros, formigas trabalhadoras, se esforçam por toda a vida, engolindo a vontade (e o esperma) dos poderosos – que compõem o segundo grupo – para tentar montar algo só seu e se tornarem usurpadores ou guardar um montante que os permita não trabalhar mais, quando na verdade, gastam com as coisas supérfluas que são doutrinadas a comprar e vivem com dívidas, trabalhando e morrendo por isto até o último suspiro de suas inúteis vidas. Eu nunca tive o prazer, tal qual Zaratustra teve, de dizer para uma destas formigas o quanto sua vida foi inútil no momento anterior à sua morte, mas creio que um dia terei e como me deliciarei com momento.

Já o segundo grupo é formando pelos usurpadores, senhores de escravos, cafetinas e políticos. Estes trabalham pouco e sua única função é pegar o excesso da produção das formigas e investir em mais formigas, aumentando assim seu

lucro e o que sobra de todo este processo é utilizado para seu prazer. Os usurpadores pagam mal seus funcionários, os senhores de escravos compram indigentes de outros países, as cafetinas compram as pequeninas de famílias pobres para venderem suas virgindades por um preço absurdo enquanto os políticos, a praga mais inteligente de todas, utiliza de um sistema de leis que eles mesmos criarem – e sempre modificam ao seu favor – para aumentar seu poder sobre as formigas e pragas: os políticos são os campeões de tudo isto.

Creio que quando falamos de humanidade, o segundo tipo é o considerado ideal por todos os homens. Pois são seres dotados de “uma capacidade de ‘se virar’ enorme” ou “inteligência acima do comum” e por isto se destacam da vala, da lama e do esgoto do senso comum. Então, em um ciclo eterno, com um deus besouro rola-bosta, as formigas e pragas continuam seu caminho pela história.

Mas, o que sempre quis dizer é que no fim, todos serão esmagados pela bosta que gira pelo deserto da vida. Todos morrerão, agonizarão e defecarão de medo em suas camas, sendo estas limpas ou não em seguida, de acordo com a posição que o ser encontra na escala que determinei acima. Por isto, recomendo com toda boa vontade que todos os homens se especializem na destruição do próximo, no vampirismo de suas forças e vontades, para que não se morra sozinho num barraco de madeira, sendo devorado pela morte e ao mesmo tempo, como bom deus que sou, conforto as formigas com a seguinte

sentença: “a morte chegará para todos da mesma maneira”. Não é assim que é repetido pelos séculos dos séculos?

Ouçõ o uivo lamentoso dos lobos, em seus olhos brancos, focinhos compridos e pelos cinza, o lobo, criação mais bela, chora pela morte que se aproxima. Assim, como o espectro que se aproxima pela noite, tem a morte. Todos os velhinhos, feios e chatos, se aglomeram no escuro da noite apavorado pela proximidade desta e por sorte, têm alguns jovens que admiram suas façanhas passadas e os cercam. Neste momento de medo é que surgem as associações, academias, grupos de apoio – e não falo só de velhos aqui – para que estes anciões passem a recitar suas obras e serem aplaudidos, tendo o ego massageado, como se sua mãe voltasse da tumba e beijasse suas testas antes destes dormirem, mas muitos deles não acordarão no próximo dia.

Tenho vinte e três ou vinte e quatro anos, já não me lembro mais. Todos os dias eu acordo com uma unha encravada, uma dor que me consome toda vez que saio de minha cama, incomoda, me faz deitar novamente e fechar a cara. A verdade, se é que isto existe, é que eu odeio tudo isto que se chama humanidade.

Não apenas não gosto, mas tenho um ódio mortal e este sentimento me levou a consequências extremas. Imaginem que desde jovem gostei de ler, tendo certo apreço por ler romances de costumes dos mais leves, gostava de me ver vivendo em outros espaços e tempos, como se pudesse me ver em outros

lugares, com outras pessoas e os personagens se tornaram quase reais em alguns momentos de minha vida. E aconteceu que eu me afastei deste tipo de literatura, pois passei a odiar até mesmo os personagens da ficção.

Na ficção ou em nossa vida – que também é ficção – existem forças que nos empurram em direções que nem sempre queremos e a vida é este caos. E fingimos que ela é uma linha reta no tempo e pretendemos esquecer que esta linha tem um fim. Somos empurrados por forças, trabalho, família, filhos e nossa tentativa imbecil de transformar o caos em uma linha reta nos trás o sofrimento, adicione o desejo de ser imortal ao verme homem e tenha a fórmula certa para a doença da modernidade.

*

Minha vida. Eu sou um homem doente que todo dia pensa em se matar. Sempre me dizem que todos têm seus problemas e que não podemos desistir, aquele velho papo religioso ou de autoajuda. Mas, estou pouco me importando com os outros, em minha vida, pouco me importa os outros, pois estes em nada me ajudam. Não são os outros que acordam suados, sentindo um grande vazio por dentro e muitas vezes chorando.

Se os outros pudessem mergulhar em minha alma e retirar, de uma vez só, toda dor e agonia que existe em mim e

levassem consigo estas vontades, eu amaria os outros com todo meu vigor. Acredito que seja assim que funciona a mentalidade de alguns religiosos: se tu, ó divindade, podes entrar em meu corpo e me tirar toda angustia de estar vivo, eu te amarei em troca. Mas homem nenhum, por mais religioso que fosse, entraria em minha alma e roubaria de mim esta angústia e a tomaria para si.

Imaginem que eu entro em um grande templo, gritando para todos que um daqueles crentes no além-túmulo me retirasse minha dor pela boa vontade de um deus qualquer e ficasse com ela, para todo o sempre, acredito fielmente que nenhum deles se levantaria, a não ser seu líder, para me chamar de demônio e convocar a todos a me expulsarem do seu templo sagrado. O homem com maior fé do mundo se curvaria triste diante de minha tristeza.

Desde que me lembro a cada ano uma pessoa que eu amo morre. E tudo passou a funcionar assim desde então. Vou me afastando, e até mesmo brigando com as pessoas, para quando elas morrerem, eu não sofra tanto. No começo pareceu loucura, mas aparentemente funcionou. Quando tinha doze, ou treze anos – tanto faz – minha família ia para o interior e lá eu sempre namorava uma pequenina loira de olhos castanhos. Brincávamos juntos. Ela me perguntou se eu já tinha beijado.

Ela me ensinou. Depois me perguntou se eu já tinha feito sexo. E aprendemos juntos. Deitados na mesma cama, brincamos com outros juvenzinhos, de família o dia todo, eu

era o pai e ela a mãe. Bem, pai e mãe, eu já sabia bem na época, faziam o que fizemos durante a noite. A ficção sempre me foi um meio de arrumar uma vagina para estar durante toda a noite.

E meus hormônios diziam que eu amava. Que era a fêmea escolhida para a reprodução eterna no escuro da vida. Além de loira dos olhos castanhos, ela era bem gorda e quase não tinha formas de mulher e bem, eu também era um garoto. Quando pela primeira vez coloquei meu pênis em sua vagina, senti um misto de molhado e quente e senti um cheiro de urina. Mas o cheiro era bom.

Hoje em dia, associo o sexo à urina e, só me sinto completamente excitado quando lembro deste adorável aroma de urina de fêmea. Após conseguir colocar meu órgão ali, nos movimentamos, ela tampando a boca rosa e fazendo um barulho estranho, não consegui gozar e nem sei se teria capacidade para isto. No outro dia, ela reclamou de dor e fiquei preocupado. Mas a dor passou e paixão, ficou. Amávamo-nos.

No sol, eu podia ver suas veias desenhando a vida em suas coxas. Ela arrumava o cabelo e me sorria com seus dentes redondos. Não só nos amávamos como eu estava decidido a ceder minha vida para aquela menina-mulher.

Eu ia e voltava para a cidade, esperando pela próxima vez que nos viríamos. No carnaval, nas festas santas, todo sacramento familiar e religioso significava para nós troca de fluidos, e toda vez, o cheiro de urina, o sexo, e com a idade, a

ejaculação. O primeiro gozo dela foi acompanhado de um tremor por todo o corpo, como se um pequeno demônio tivesse passado por entre nós e ela sorriu. Queria sempre mais o que levou à morte muitas mulheres. Pouco nos importávamos com isto, consciência histórica é algo que desaparece aos dezessete anos e não volta nunca mais.

Nesta época tinha dezenove anos e me preparava para vê-la quando a notícia chegou até mim. Ela havia morrido junto com seu pai em um acidente de trânsito. Sai de casa e todos ficaram preocupados. Comprei uma grande garrafa de bebida e procurei por meus amigos, não encontrando nenhum.

Amigo é o nome que se dá para a muleta mais barata que se pode comprar na vida, pois elas sempre quebram quando você mais precisa. Eu não tinha nenhum amigo naquele momento e pouco a pouco, teria que abandonar a todos. Bebi o suficiente para deixar qualquer homem embriagado, mas a dor era tanta que nada me servia para embriagar, era como se o russo estivesse certo!

Sentei no banco da praça. O mundo era apenas um borrão. Não saberia se voltaria para casa ou ficaria ali, torcendo para ser morto. Levantei e totalmente jogada no canto da rua estava uma das mendigas da cidade. Ela tinha os cabelos raspados, não possuía dentes e não tomava banho há muito tempo, pois fedia. E foi isto que me atraiu.

Ela havia se urinado durante a fria noite e ao fechar meus olhos, senti o cheiro e voltei aos meus treze anos, como

se ela nunca tivesse me deixado. Abaixei minhas calças e me joguei sobre ela, que me abraçou fétida e abriu as pernas. O cheiro se acentuou e me senti ainda mais excitado. Copulei com a mendiga e chorando dormi ao seu lado.

Fui acordado por policiais que me levaram até minha casa. Meus parentes me deram um banho e eu vomitei toda a casa. Até então eu era apenas mais um jovem. Voltei a estudar e a tentar arrumar um emprego, pois diziam que eu só atrapalhava em casa, que era um vagabundo, mas desde aquela época eu já pensava em me matar todos os dias.

Havia escrito uma ou duas cartas suicidas, mas rasguei depois. Conclui que escrever uma carta antes de se matar é uma grande estupidez. Pois o ato de se matar deve ser um manifesto contra a própria vida e memória! Se eu abandono a vida é porque todos que amei ou tudo que me prendia às mentiras da existência deixaram de fazer parte de mim. Rasguei minhas cartas e comecei a pensar em uma forma de me matar sem causar grandes danos às pessoas que me amavam - mesmo eu não sentindo nada por elas. Outra bobagem. Eu deveria me matar e deixar bem claro de quem é a culpa: e seria uma grande vingança contra a própria vida que me causou tanta dor. Que me levou ela. Se eu me matasse, seria sem carta e sem fugas.

A mendiga não me saía da cabeça, nem ela, nem o cheiro de urina. Eu amava. Quando as mulheres que moravam em minha casa iam ao banheiro, eu esperava que elas saíssem

e se houvesse urina lá, permanecia por minutos cheirando e me masturbando. Como era jovem, até tentei me relacionar, ter outros namoros, mas o rosto branco e redondo dela não me abandonava, o sol que brilhava em seus cabelos claros, a água do rio que escorria entre suas curvas de mulher que eu via aparecer, uma a uma. Nada. E aqui, a palavra nada não é apenas uma rima.

Não conseguia permanecer em um relacionamento por muito tempo. Não transava com as mulheres e me irritava fácil. Argumentaram homossexualidade. Mas não era isto. Eu só tinha vinte anos e começara um curso na área da saúde humana.

*

Estudei bastante. E a ilusão de um futuro melhor me fez esquecer um pouco minha deusa morta. E assim como ela morreu, morrerá toda concepção de deus e beleza em mim. Só um cheiro me trazia alegria novamente.

Voltava para casa quando vi uma pessoa qualquer. Seu nome era, bem, um nome qualquer. Em coma graças a um acidente: o namorado imbecil bebera demais. Um homem qualquer, falaria horas sobre o perigo de dirigir embriagado, mas eu digo que não pode ter sido nada menor que um deus que colocou o álcool na mão do namorado dela. Pois minha pequena mulher

havia voltado para mim, ali. Olhei para as sondas e abri o receptáculo da urina. Estava sozinho. Abri suas pernas.

Cheirei, estava com cheiro de urina e falta de banho. Levantei meu rosto e soltei o ar em grande júbilo. Comecei a penetrar e em poucos minutos ejaculava. Deixei como estava antes e sai, pensando ter cometido o crime perfeito. O que me causou espanto foi a crise moral por ter violentado aquela mulher, mas a crise não durou mais que cinco minutos. Crise de consciência é algo que se tem até os dezenove anos, depois a supressão deste sentimento inútil se torna vital para a vida em sociedade.

Voltei para casa e me masturbei, misturando memórias de anos e das horas passadas e assim o fiz por dias seguidos.

Aqui na cidade conta-se uma história. Um homem andava sozinho pela rua à noite, aconselhado por um anjo e por um demônio. Ambas as entidades místicas diziam o que deveriam dizer: o anjo aconselhava-o a fazer coisas boas e o demônio a seguir sua própria natureza humana, ou seja, a fazer maldades. O homem andava tranquilamente quando o anjo indicou um atalho, um beco qualquer.

Entretanto, na entrada deste caminho se encontrava uma placa: “Todo estado humano, toda lei, todo conhecimento, toda perseguição humana contra seus erros não existem aqui neste beco, apenas o olhar divino te vigia”, ou seja, o que acontecesse ali não poderia ser julgado, nem mesmo conhecido pela sociedade, pelos indivíduos ou leis. O homem atravessara

o beco receoso. Quando, estava pelo meio do caminho, viu uma linda mulher, com roupas finas e uma bela joia em seu pescoço.

Gostaria de dizer que homem e mulher cruzaram seus caminhos em silêncio. Mas na verdade o homem atacou a mulher com violência, roubando suas riquezas, se alimentando de seu prazer e atravessou o beco sem que nada o acontecesse. Ao sair do beco, anjo e demônio haviam o abandonado e na mesma noite ele era um homem rico, desfrutando de todo prazer que o capital poderia lhe conceder. E podemos afirmar que qualquer homem, criado pelo capital e por mães distantes, faria o mesmo ou até pior: espreitaria no beco pelo próximo distraído.

A verdade é que o aviso sobre as leis gerais do beco se encontrava apenas em um dos lados do mesmo, a mulher de nada sabia. E é exatamente assim que ocorre em toda relação na vida, entramos por becos onde apenas um possui o aviso das regras e por isso somos mortos e roubados. Talvez haja uma versão da história cujo homem tenha morrido de remorso, mas eu sei que não é assim que ocorre.

Se, no silêncio da madrugada, excluindo-se a possibilidade de punição, pudesse cometer um crime ou pecado para me beneficiar, não pensaria duas vezes e veja que eu tive pai e mãe!

Veja. Todo sorriso do mundo é feio. Todo corpo, toda bunda, todo seio, tudo é feio. Toda bebida não me embriaga, só

teu corpo me inebria: nem copo santo, nem copo devasso, nem copo sonoro, nada me completa. Todo sorriso, toda maquiagem, toda embriaguez, toda pompa das festas dos homens, todo título, toda profissão, toda beleza do homem é, em resumo, não passa de um punhado de merda. Sim, merda! Urina e merda! Foi isto que restou de meu mundo. E as mulheres dançam, admiram os artistas da fome e aplaudem os deprimentes órgãos que as penetram: não há mais beleza no mundo!

*

Em minha turma havia uma pessoazinha. Imaginem que tudo que eu mais odiava na humanidade se encontrava nela. Primeiro, fazia o mesmo curso que eu querendo ser rica e famosa o que é uma grande besteira. Depois, saía todo final de semana para conseguir um sexo qualquer, se embriagar e ter a bela desculpa que não se lembrava de nada noutro dia. E por fim, domingo era dia de ir para a igreja se arrepender de todos seus medos. A família era de uma passividade tremenda, por mais que tenha sido humilhada mais de uma vez por nossos professores, nada foi feito. Acredito que seu pai é um daqueles homens carecas e narigudos cuja família e trabalho devoraram toda vontade e a mãe deve ser uma qualquer.

Mas aí que está. Além de toda imbecilidade, era bela. Planejei em meu íntimo uma doce vingança contra ela, como

se ela representasse todas as puritanas da humanidade e comecei a cortejá-la. Simples. A tratei como se ela fosse a minha mãe. Com todo carinho, atenção e presentes. Foi fácil começar a namorar, ser apresentado à família e fazer com que abandonasse as festas para ficar ao meu lado. Confesso que foi o horror ter que fingir que aquela pessoazinha tinha alguma importância, e o fiz por dois anos.

Estava chovendo. Chamei no meio da noite, disse que tinha me machucado e pedi que me levasse ao hospital. Pedi que viesse sozinha, pois tinha me ferido na perna, perto da nádega e não queria que ninguém me visse daquela forma. Veio solicita. Os minutos que levou para chegar a meu apartamento foram regados com uma taça de vinho e a leitura de alguns poemas. Morava sozinho, em um apartamento pequeno que só ela arrumava. Quando chegou, abriu a porta e me chamou. Golpeei com um pedaço de madeira e a pessoa caiu inconsciente, ou quase. Imagine que agora você acorda no meu banheiro, nu e amarrada pelas mãos. Em pé. Pego uma faca e começo a cortar sua pele macia. A pessoa se urina de medo. E meu doce prazer começa. Violentei por toda a noite, ou melhor, fizemos amor, já que ela era minha namorada. E bem vocês sabem, que toda história deste ocidente permite que o homem faça com a mulher o que desejar e ela que se cale!

Pela manhã, segurei seu cabelo lindo e bem cuidado, com força puxei seu pescoço para trás e com uma faca cortei seu pescoço. Se debateu até a morte como simples humano que

era. E eu a deixei lá. Senti pena quando lembrei minha pequena, mas ela estava morta, morta. Vou me vingar da vida que a levou, matando e humilhando os que se divertem que riem do destino ingrato de minha pequena. Vou me vingar da vida.

LEÃO

*“Provenho de uma raça notável pelo vigor da imaginação e
pelo ardor da paixão, chamaram-me de louco”*

— Edgar Allan Poe, Eleonora.

I

Eis meu prólogo:

Todos vocês estão presos a uma rede que coube a vós mesmos criar. Chamar simplesmente de aceitação é uma demonstração de incapacidade de mutação, incapacidade de superação. E sabemos que perder tempo é essencial para o homem que acredita no tempo, se divertir é essencial para o homem que acredita que precisa se divertir e desferir palavras inúteis para com o outro é de fato uma afirmação de inutilidade de quem as professa.

Pois bem, todas as minhas palavras serão como leves estocadas no corpo podre destes que acreditam serem os únicos seres da terra que merecem importância, que pensam ser reis ou qualquer outra espécie de autoridade imbecil, que atravessam o caminho das pessoas trazendo dor e saem impunes. Eu sou o instrumento de vossa tortura, eu sou seu

algoz, eu sou tua fogueira e tua força, de medo de mim irão se banhar em vossa urina e fezes, onde irão clamar por deus e por suas mães. Eu não sou dono da verdade: eu a odeio. E odeio toda espécie de comodidade, odeio toda espécie de passividade frente ao que é imposto por verdade. Compreendemos que seguir a corrente das coisas é demasiadamente fácil, é o que é aceito e aplaudido por todos: Festejemos! Façamos festa para vossa imbecilidade! Sois imbecis demais para sequer perceber que há um caminho inexoravelmente trilhado por todos que querem deixar de ser homens póstumos ou sedados, por todos que querem deixar de ser animais no cio, machos e fêmeas se preparando para o coito, machos e fêmeas numa pseudo orgia desregrada sem realmente conhecer o que há de prazeroso na vida.

Eu não posso me queixar de nada, sou um ser demasiadamente feliz e consigo chegar ao orgasmo em quase tudo que faço: Sinto prazer em minhas leituras, em escrever, em estar com minha família, com mulheres, com meus amigos e irmãos enquanto vós buscais desesperadamente por um prazer em um copo de bebida ou em um corpo e de fato só sentem o vazio de voltar para casa embriagado e se sentido usado enquanto eu posso sentir prazer na simples contemplação do que é minha vida em alguns minutos permanecendo pensativo. E para saudar a felicidade, escreverei mais de mil palavras.

Sou de fato um homem livre, um filho de homens livres e não estou aqui para te pregar nada como um religioso fanático que tem suas verdades. Estou aqui para narrar algo que poderia ser real, mas pode ser fantasia minha e também real e pode ser uma espécie de devaneio meu, mas venho aqui para contar uma partícula de minha existência, venho contar quando enfim conheci aquela bela senhorita e como foi nossa história, o leão e a princesa, duas visões de mundo se chocando e se esquivando, no tempo que eu ainda nutria pela manada alguma forma de sentimento, no tempo que ela me unia de novo ao vosso tempo, quando escrevia o tempo.

Só poderia saber sobre o tempo que passei sem pronunciar esta palavra apenas um ser: eu mesmo. Desde que ‘ele’ se fora a palavra perdeu de minha pronuncia e me encontrava no estado de deterioração mais intenso, tinha a intenção de acabar com minha matéria a fim de voltar ao passado, quem sabe, voltar a ser nada.

Encostado no muro e conversando com um desconhecido. Ele me olhava com um olhar e uma expressão que denominava nojo, ele sentia nojo de minhas roupas, do meu corpo e de minha vontade incansável, estava a mais de meia hora querendo convencê-lo de que o amor de fato, não existe. E enquanto mais eu argumentava mais o desconhecido relutava em acreditar, afinal ele mesmo já tinha amado, “todos já amaram uma vez” afirmava.

“Ah, o amor”, suspirava o tolo, a maioria dos homens são tolos, pensei enquanto ele olhava para o nada e assumia uma postura de quem contemplava o maior segredo da humanidade pela primeira vez, contemplava a verdade dos inocentes. Deixe-me dizer o que é o amor de fato: Primeiro: manifestação do medo de estar sozinho, solidão infernal, medo maior do homem que corre da possibilidade deste e se agarra a qualquer coisa que pode, inclusive em mentiras como o amor, quer seja sua natureza.

Em seguida temos a necessidade social de conservação da espécie, de se afirmar como homem ou mulher (apesar de podemos visualizar mudanças significativas nessas relações que não devem ser tratadas apenas como um parêntese em obras dedicadas a tais observações, temos as novas estruturas da família moderna.) e o amor como manifestações de uma estrutura natural ou melhor dizendo, biológica do homem animal, do homem besta. Apesar das afirmações feitas por alguns pensadores entre os quais humildemente posso destacar Platão ou Sócrates que chamam o amor de virtude ou de “um gênio” capaz de ligar os homens aos deuses, devo destacar destes: não creio mais em deuses ou deus, onde eles estavam? Sou tão mesquinho e humano quanto nós?

Para ser bem sincero sinto apenas vontade de transar. Sou o que chama de ‘tarado’ e acredito fielmente que possuo alguma forma de doença mental e agradeço a minha pessoa por possuí-la afinal sou um homem livre, livre demais para ser

preso a uma mulher e ainda livre em demasia para me prender a algo, logo não me prendo a gênero, como dizem por aí, sou um degenerado.

Na ilusão do que é o amor não mantenho preconceitos e engano a todos, homens e mulheres com um instante de meu viver: digo que os amo. E é isso que posso dar de melhor, um momento de ilusão e é isso que todos podem dar uns para os outros além de outras atribuições pejorativas para este verbo: um momento de ilusão. Porque tudo é um momento e sempre parece “que passou rápido demais”, passa rápido demais porque nunca este passado que se cultiva como materialidade chegou a existir, vivemos sempre no instante do presente, um piscar, um leve pensar, um pesar incomensurável.

Enfim dedico meu instante a cultivar ilusões nos outros e não me tome como errado: todos fazem isso com todos, inclusive vocês tem o estranho costume de se enganar e ainda cobram “verdades” e “fidelidades” dos outros, como, me respondam: Como exigimos verdades se somos os primeiros a nos enganar? Então, se um dia deitarmos juntos saiba que terá apenas um momento de mim, mas posso te afirmar com veemência que este momento será somente teu.

Não me tomes como um depravado qualquer. Vocês me chamam de depravado, de degenerado, de “bicha”, de imoral e muitas outras coisas, pois sou para vós como um predador que ronda sempre o rebanho e palavras de mau agouro são dirigidas contra minha pessoa com a complexa intenção de

tentar afastar minha imagem de suas concepções, mas devo deixá-los mais uma vez perplexos: Em breve estarei deitado em sua cama e você chamará docemente pelo meu nome ou de “meu amor”. Se não for em tua cama será na de outro conhecido, familiar, amigo teu, homem ou mulher, jovem ou idoso, não detenho nenhuma espécie de preconceito.

Não sou o que é querido e amado na aparência e sim o que é desejado profundamente por dentro, não como o anjo que visita a donzela para guarnece-la, mas como o demônio que vem para violá-la e nela gerar um filho que será o fim da cristandade.

Como este desconhecido desperta em mim sentimentos tão ambíguos. Dado momento tenho vontade de perguntar ainda mais sobre ele, mas pergunto como perguntariam ao rato de laboratório os cientistas caso este pudesse responder. Ele me é tão interessante, um ser de outra espécie, inferior e diferente e unicamente por isso me desperta alguma forma de interesse e assim é para todos os outros. Outro momento separa-me dali e deixo minha mente vagar, aquele ser diferente e inferior não me é nada agradável e eu passo a sumariamente ignorá-lo.

Após alguma coisa que não sei afirmar apresenta-se na minha frente: a figura de meu amigo, um homem virtuoso para os padrões sociais: acorda todos os dias com uma mulher só mas dorme com várias todas as noites e, graças aos avanços tecnológicos é capaz de evitar as doenças sexualmente

transmissíveis e de penetrar alguns orifícios, nada mais normal que ele tenha sete filhos e que tenha de pagar sete pensões oficiais e mais três não oficiais. E vive trabalhando para arrumar dinheiro: paga pensão e sustenta.

Gosto mesmo é de conquistar seres que me provoquem ao extremo: que gostem de músicas que nos leve a refletir, que seja tão perspicaz quanto eu, que me leve a buscar novas formas de me aproximar, gosto de seres que não sejam caça e sim caçadores, para falar a verdade gosto de inverter a situação e mostrar que as coisas, como posso dizer, não são bem assim, eu que sou o leão e você sempre será o cordeiro. Mas este meu amigo, como ele mesmo diz “gosta é das burras”, um termo demasiado inferior, mas utilizado amplamente em nossa sociedade: mulher burra.

Já eu, contra toda espécie de preconceito não procuro taxar os seres assim apesar de que com pouca convivência estes seres que anseiam por sociabilizar-se já se entregam em demasia para você poder conhecer bem suas vontades, seus costumes e seus planos. Daí simplesmente recuo até uma dimensão distante, meu pensamento, onde estava até agora quando meu amigo se aproximou. Entramos no carro dele e seguimos em direção a minha casa e no caminho penso: O que devo chamar de amigo? Uma comunhão, uma relação entre virtuosos?

O homem virtuoso seria o que detém muitos amigos, o que agrada a todos, ou o que detém muitos inimigos, o que se

apresenta contra todos? Há casos e casos: O homem que se apresenta contra tudo e contra todos, contra tudo que se acha correto deve ter poucos amigos caso contrário não estaria realizando o que diz fazer, mas até mesmo este homem que se apresenta com tudo e contra todos deve ter amigos e deve chamar este de irmãos: sem amizade não há como resistir.

E, o que faz este homem ser meu amigo e não outra coisa? Por dois motivos: Por ter estado comigo quando precisei e por ser uma espécie de revoltado com as coisas, um guerrilheiro contra a moral e como todo guerrilheiro se utiliza de sua fraqueza e de sabedoria: ataca de forma furtiva e se retira em seguida. Mas já é um derrotado, pois teima em acreditar em algo que de fato não é importante para ele: teima em acreditar que dá importância para o outro quando na verdade não dá e assim se engana e engana a todos e todas que se deita: melhor que faça como eu: seja sincero, fale a verdade. Não um revoltado, mas uma espécie de revolucionário, não desejo mudar alguns aspectos e sim todos os aspectos. Mas, apesar de tudo é meu amigo.

Sem grandes inspirações, chego a minha residência.

II

Minha casa. Se é que se pode chamar isto de casa, um casebre onde moro sozinho onde quando chove parece que molha mais dentro do que fora. Sem maiores descrições, estou com vontade de transar e não vejo uma possibilidade de ter uma parceira nos próximos trinta minutos e por isso resolvo me masturbar, corro e pego uma carta que recebi de uma senhorita, seu amor era tão puro e eu a penetrei de forma tão violenta, ainda hoje me lembro e sua inocência e pureza ainda me excitam, ela ainda me espera em sua distante cidade, apenas passei por lá e ela não entendeu até hoje, assim começa a casa:

“Meu amado [como pode me amar tão rápido, é cada vez mais fácil se amar: sem sacrifícios, sem suicídios, se ama hoje e amanhã se deixa de amar: por este motivo tirei de meu vocabulário tal infame palavra], como estamos distantes e como desejo vencer esta distância, maldita seja a geografia que nos separa, ainda mais que a história [aqui uma brincadeira infantil, nada mais normal já que apesar de sua criação voltada para os estudos ela era uma menina de quatorze anos e eu já tinha vinte e dois na época] ou outras matérias. Fico feliz ao lembrar tudo que aconteceu entre nós e sonho sempre com suas promessas, mas não espere que eu vá ficar te esperando,

já tenho outro rapaz que me interessa e ele se interessa por mim.

Não te esquecerei nunca meu primeiro beijo, meu primeiro namorado e meu primeiro homem e tudo isso em apenas dois dias, dois dias! E apesar de pensar muito prefiro não pensar muito nisso afinal você ainda me ama como diz em todas as tuas cartas. Minha família diz que você me ilude com tuas promessas, que você anda falando para todos que fez o que fez comigo e por isso não serei mais respeitada na rua, mas eu sei que é mentira. Sei que você vai voltar e vai se casar comigo, que vamos ter alguns filhos e que vamos ser felizes, sei que ficaremos bem no final longe de todos. Eu te amo como nunca amei ninguém, beijos de sua Beatrix.”

A verdade é que a engano e ela sabe disso, todas estas palavras não foram para mim e sim para ela mesma, são todas palavras ilusórias que ela repete para si ate dormir todas as noites, é seu mantra da ilusão. E inocente, com certeza, ela não é mais, eu fiz questão de abrir seus olhos, inocente sou eu que por um segundo cheguei a acreditar em suas doces palavras.

Ela é uma devassa, quatorze anos de devassidão e sua face inocente não me engana. Ah, Beatrix, minha doce beleza, minha pequena, vá e ganhe o mundo. A alguns meses não respondo mais para ela e ao que me parece o outro rapaz já tomou meu lugar em meio as suas pernas e assim vamos seguindo. Existe outra carta, ah esta sim me excita muito: a carta de uma amiga, de tão prazeroso que é parece que foi

escrita com sua doce saliva, parece que ela quase me prendeu, apesar de não conseguir, assim é a carta, escrita a mão e com uma risca de perfume na lateral esquerda:

“Ricardo Vagner. Um dia frio e apesar de minhas vontades tu não estás aqui, de certa maneira sinto saudades do vinho, das nossas conversas e de tudo mais. É apaixonante o modo como tu declamas tuas poesias e ainda mais quando falas a menos de um metro de distância de minha orelha.

Estranho como me sinto saudades de ti mesmo você estando dormindo no mesmo quarto que eu, estranho como já sentia saudades de tua presença antes mesmo de te conhecer: algo me faltava, um sopro no coração, um vazio, um sem espaço. E como tu fazes questão de não preencher tal vazio sorrindo para mim quando querias e me deixando seu sorriso quando eu mais precisava e mesmo assim eu precisava de ti, pois ouvir-te falar é demasiadamente belo, ler teus contos devassos, e duvido se a maioria não é sobre você, te ouvir cantar tuas musicas em uma língua que só você entende e mesmo assim gostar. Quando tu queres, e somente nestes momentos tu és extremamente agradável comigo, com meus amigos e familiares.

Com teus discursos e com teu sorriso sempre pronto tu convencias a todos os que antes acreditariam somente em mim que tu estavas certo e eu errado, e sabia disso, sorria e sussurrava para mim enquanto estava transando comigo, me colocava de quatro como um animal e me possuía, dizendo

que, por ser o 'libertino' eu sempre estaria errada, pois não há verdade ou mentira para você, que você é que molda a verdade e a mentira de acordo com tuas vontades e eu, meus amigos e familiares acreditavam porque estávamos tendendo a acreditar, porque todos queriam estar ali no meu lugar, sendo penetrado por ti. E todos os dias meu corpo era teu e tu me humilhavas diariamente durante o ato e mesmo assim voltava correndo para ti.

Não sei bem explicar. Os dias que eu contava para te ver, três, dois, um e quando era finalmente o dia de ter eu podia te ver com outra e recebia o singelo convite para participar do ato e aceitava por simplesmente querer transar com você mesmo sendo eu a mais antiga e a obra de arte menos contemplada por teu membro. E apesar do meu belo corpo você em pouco tempo se enjoou de mim, me deixara para trás e você não voltará, como deixou bem claro. Não sei se dará a devida importância para esta carta, mas eu a escrevi com muita dedicação. De alguém que nunca irá esquecer-te, Maria Bellomont.”

Bem, ela já me esqueceu nos braços e no falo de outro. Uma bela mulher que mantinha minha foto em sua cabeceira e me tratava como um deus e foi justamente isto que me afastou dela: odeio ser tratado como um deus. Quero ser tratado pelo que sou: o pior dos homens.

O que é ser homem hoje em dia? É ser o melhor escravo e o melhor dos canastrões, o melhor dos picaretas e eu não

quero ser isso, por isso não quero ser. E agora é o momento de jogar fora estas cartas e jogo novamente em minha mesa, jogo fora de minha visão. Odeio lembrar certas coisas: concordo com o filósofo: uma memória fraca é a melhor receita para a felicidade e de meus mecanismos de defesa o que mais me apego é o esquecimento: Esqueci de minha data de nascimento (minha idade? Dez, vinte, trinta, quarenta, eu não sei), esqueci do nome dos meus pais (morreram? Não sei e nem quero saber), esqueci o local que nasci (não sinto saudades de lá) enfim esqueci-me de tantas coisas e não tenho onde me prender e em noites febris me apego somente a mim e não recorro a remédios familiares e eu quero que seja assim.

O lugar onde resido é uma construção de madeira com um quarto, um banheiro colado a este, uma cozinha e uma sala que modifiquei em um local de estudos com meus livros e meus cadernos, é o lugar que possui o menos número de goteiras. Tudo está aos pedaços, como dizem, e não preciso de mais que isso.

Tenho o meu quarto bem arrumado com lençóis e travesseiros em cores quentes, principalmente o vermelho, esta cor exerce fascínio e desperta desejos na maioria das pessoas ou talvez seja minha pessoa que o faça, isso não importa. Sou o que chamam de ‘pobre’ ou ‘miserável’ e vivo à custa das pessoas que engano, mas não me tomem como coitado, escolhi ter esta condição de vida, não fui impelido a tal. Estou aqui porque quero estar aqui, adoro viver sem ter

que me esforçar em nada demasiadamente laborioso:
conquisto e engano a todos com facilidade e prazer.

Sobre minha casa, mais nada a falar.

III

Uma poesia: Sonhei com ela e acordei com dores/ Um estádio de seu inferno me fez recuar/ Até uma “transa” bem feita esvanece seus ardores/ O que resta é a ira e seu leite ferroso/ A de recuar em meio as suas pernas o amante/ Que ainda acreditar nos delírios dos sonhos/ Que ainda crê na redenção do passado/ E na divina intervenção no futuro, do futuro/ A mulher já não é como antes/ E agora?/ O que faz o amador, o que faz além de amar a dor?/ E tem a pureza como seu agravante.

Uma viagem é uma boa forma de se tornar prostituta na maioria das vezes: as grandes escolas dos saberes sexuais para indivíduos que ganham o corpo com seu corpo já não existem mais, hoje a prostituição se espalha por toda sociedade: convenhamos que o ser que se relaciona com outro ser mais rico por sua condição financeira é um prostituído, um de classe, um sobrevivente, mas é um de fato. E existem muitas outras formas de prostituição. O porquê deste assunto?

Convenhamos que as coisas-pessoas me chamam de pobre e segundo os conceitos destes sou mesmo. Prostituo-me, mas não sou como os outros que o fazem: eu deixo de ser o masturbador do ego dos outros, não sou comprado e usado, deixo que eles me desejem, que queiram ser usados por mim e ainda me pagam por isso, não deixa de ser, mas o que é

vergonha para uma pessoa como eu, que já me desprendi de tudo que poderia me desprender? Só me restam agora quatro sabores: O ler, O escrever, O enganar, O transar e tudo isso me remete a somente duas ações: O gozar e o me Alimentar.

Vocês se perguntam que sucessão de eventos ou que evento me levou a pensar desta maneira e esta é uma narrativa que faço questão de apresentar: Como podem ter nojo de vossa criação? Eu sou vocês sem suas prisões, sem a imbecil crença em algo natural e verdadeiro, eu sou vocês fazendo o que querem fazer e não o que os outros querem, esta é a simples diferença entre eu e vocês por isso, não me odeiem tanto.

Um dia estava na escola, não me lembro bem que ano, oitava série quem sabe? Eu gostava muito de uma pequena, dizia que a amava e era ridicularizado por todos inclusive por ela. Minha mãe assistia religiosamente a sua novela e religiosamente estava nos finais de semana alternando entre o bar e a igreja: pecava para pedir perdão depois.

Ela me batia na face todas as vezes que eu falava de amor em casa, sempre fui um romântico, um poeta mirim em suas poesias simples e verdadeiras e assim foi até os meus dezesseis anos quando resolvi parar de escrever sobre o amor e escrever sobre a verdade que me cercava: meu pai foi um suicida e minha mãe uma depressiva que só não fazia o mesmo porque se mantinha constantemente embriagada por álcool ou pelo “espírito santo”. Uma tragédia vocês diriam, eu digo que foi uma dádiva, imaginem eu casado, com filhos, com meu

emprego fixo, com uma rotina, que loucura! Meu maior pesadelo, prefiro me movimentar assim pelos fluxos daquilo que se chama vida do que ser um escravo de outrem, do que ser mais uma alma para alguém. Estes seres que me chamaram de filho nunca representaram ser pais para mim, e minha memória destes não passa de um reflexo de suas tragédias pessoais que evito a todo custo.

Já tentei me refugiar em uma igreja, mas fui desmotivado pela visão do pastor entrando em um motel com uma “irmãzinha”, com o grande churrasco que ele fazia com seus auxiliares nos domingo enquanto eu via durante a semana uma senhora dar seus centavos para merecer ir ao seu ou ter prosperidade.

Um verdadeiro Deus fulminaria aquele homem, um verdadeiro Deus não se esqueceria de seus filhos, um verdadeiro Deus não se correlaciona com moedas, com carros, com mansões, um verdadeiro deus não existe: minha conclusão. Sai da igreja e caí nas ruas, álcool, drogas e orifícios sem valor nenhum. E na rua conheci pessoas interessantes que liam regularmente e começaram a me oferecer, além de drogas e seus corpos, livros que se tornaram demasiadamente interessantes para mim. A partir daí descobri que, vivemos em um mundo que se esforça em nos enganar através de nossa percepção sensível, que tudo é uma estrutura, um discurso repetido e aceito por todos e que isso nos coloca em prisões

que aceitamos e reforçamos diariamente e tudo isto nos leva a rotina, ao aceito, ao certo, ao verdadeiro.

Percebi então que até mesmo a maioria daqueles que liam estes livros são reprodutores destes discursos: suas drogas, suas bebidas, suas noites de sexo são reproduções imbecis, são fugas sem se mover, são como seres embriagados, mas ainda presos e ainda se vangloriam de serem escravos coitados por seus vícios.

O que importa é o que sou agora: um ser. Um ser que odeia todo tipo de traficante: eu sou a única droga, o único apaziguador para a dor e ainda sou a sua dor, odeio todo tipo de estuprador: o homem que usa de tais artifícios para ter uma mulher, homem ou orifício é muito mais um masturbador crônico do que um conquistador, um caçador de verdade: Nada me diverte mais do que a caça, beijar os lábios e pensar estar em meio as suas pernas mordiscando seus outros lábios, pequenos, médios e grandes, ver e perverter com minhas palavras os olhares e ditames das senhoritas, não exigir que me queiram, mas apenas deixar ser querido, desejado em demasia até pelas mais puras.

Certo dia resolvi me encantar por uma doce senhorita que me levou para muitos lugares, que transou comigo em todos os lugares e das mais variadas formas: uma mulher que me mostrou os efeitos alucinógenos de certas plantas: um que se assemelhava em nome com “peia” me mostrou uma espécie de beleza e de deformidade total da vida: caso fosse possível

viver assim o tempo todo, ai de mim, ai de nós: a vida seria um segundo de felicidade e seria uma eternidade doente: ai, não seria assim a vida. Sai andando pela minha cidade: senti seu fedor com maior intensidade, senti no rosto aquele mesmo sol e me senti mais feliz, vi as mulheres que passavam e pude sentir o cheiro do sexo destas, senti seus perfumes, observei atentamente suas curvas e fiquei excitado por um minuto e por seis horas, não sei bem o tempo.

A menina nem sei ao certo o nome, mas era demasiadamente bela e me mostrou muitas coisas. Depois dessa intensa experiência repeti mais uma ou duas vezes e uma depressão me assolou fiquei por sete meses pensando na morte e até escrevi algumas coisas inúteis que apaguei logo em seguida. Voltando aos estupradores: são homens demasiadamente bons para os padrões de nossa tão amável sociedade, uma picada de pernilongo na ponta do dedo.

Sexo fácil não me interessa aquela coisa sem graça, odeio seres que se entregam para mim a primeira vez tão fácil, sem a menor promessa, sem a menor chance de conquista. E depois que tenho a primeira vez quero conquistar cada pedaço, beijar cada pedaço, morder, comer cada órgão num ritual antropofágico, assimilar conhecimentos passados dela, dominar suas vontades e ser sempre o maior em sua vida. Aí a abandono, a deixo sem graça e vou-me embora para sempre.

E só para constar, após minha ida e voltarei jamais, você procurará em outros o que sentiu comigo, aquele tremor,

aquela sensação, mas, todos os outros homens do mundo são escravos, impotentes sexuais ou derrotados, segurando suas trêmulas ereções enquanto irão tentar te penetrar de tão ignóbil forma que tu nunca ficarás satisfeita, enquanto isso eu possuirei todas as mulheres que desejar, profanarei a todos os seus orifícios, transarei de todas as formas e gozarei em e com todas: troca injusta, suponho, mas quem aqui ainda acredita na justiça?

Estranho, estranho como existem seres de tal covardia que chego até a sentir um pouco de pena deles e com toda certeza são do tipo de ser que sentiria nojo de possuir: estes covardes não conseguiriam manter meu sexo ereto. Assustaria-me se eu não soubesse que outros seres se entregam a uma espécie de ato que insistem em chamar de amor ou de sexo e eu sei que não é nada disso afinal animais não podem sentir prazer, fazem apenas por resposta a estímulos hormonais ou para procriar, me pergunto: Qual a diferença daquele que passa para o touro e sua vaca no pasto? Somente uma, o bovino tem certa utilidade, serve de alimento e eu sinto nojo de me alimentar de tais seres.

Apesar de minha impossibilidade, andando bêbado pelas ruas começo a pensar, sentir dores e pesos que tenho que carregar sozinho e como adoro a solidão, como me conforta: está ali sempre do meu lado, me sorri docemente, sussurra belas palavras de motivação em meu ouvido, me parece um zunido, vinte e quatro horas ao meu lado e não me faz mal, ao

contrário de muitas outras pessoas que ao meu redor poderiam me fazer muito mal, todo humano é um assassino em potencial e todo assassino é um estúpido que dá vazão as suas vontades animalescas e que destrói seu oponente com um simples ato ao invés de matá-lo lentamente por dentro, levá-lo a loucura, trazê-lo conforto em seguida deixá-lo para os braços suicidas de uma corda ou navalha. Assim devem morrer tais covardes: suicidas que se urinam.

Gosto daqueles suicidas que cortam os pulsos e sentam-se calmamente e espera a morte com um sorriso, gosto daqueles que limpam o local antes de se drogar e dar um tiro na própria cabeça, gosto daqueles que sabem o que querem e se desprendem da vida sem arrependimentos: quem sabe eu seja um suicida assim, quem sabe na hora certa. Não paro de pensar em muitas coisas, penso se aquele casal na rua é feliz, penso que devo terminar com a agonia, não quero mais sentir esta falta de ar que não me permite dormir, penso que tudo se acaba com a morte e que serei nada e isso me deixa até feliz e preocupado: estou caminhando em direção a corda e a navalha.

IV

“Através da carne e do espaço, através do tempo e luxúria, através do doce e desejo, através de mim e você, me seduz – me inunda me percorre, me ilumina” Tilo Wolff em *Eine Nacht In Ewigkeit*. Frágil carne, tão prepotente homem, já nasce morto, já nasce se rendendo às forças que o cercam e assim se adentra como um animal “Vinde a mim as criancinhas” ele disse. Eis minha rendição:

Não era qualquer, era um ser de grande beleza tanto física quando intelectual. Ao abrir sua boca e dizer com desdém os ditames da lei a grande mulher se traduziu no verbo encantar, sua calça branca e sua camisa bege, os belos cabelos negros e o olhar perdido, a procura de nada e ao mesmo tempo sendo nada me atraíram, chamaram minha atenção e a ela prendi por minutos.

Enquanto ela discursava, prestava atenção em tudo, o que antes era para mim mais uma baboseira sem sentido e notoriamente ignorada agora tinham total valor para minhas percepções. Entendam, seus discursos revolucionários são fragmentos do todo reproduzidos ao contrário: são partes dentro das estruturas que nos levarão a novas estruturas repugnantes, a palavra que vem antes do ‘ismo’ não é nada mais nada menos um engodo para dizer que uma espécie de coisa irá dominar outra espécie de coisa e escravizá-la

chamando esta classe dominada do jeito que quiser hoje em dia se chama proletariado.

Por isso ignoro boa parte dos discursos repetitivos, recitados com a mão sobre o peito e olhando-se para cima como se houvesse um céu ‘ista’ acima de todos nós e que levam a somente duas atitudes: um clamor de palmas logo em seguida e uma rápida dispersão, todos voltam para suas casas para se alimentar ou para buscar alimentos em empregos, que ignorante é esta raça. Mas ela me fez prestar atenção. Linda, linda, linda, e não somente fisicamente, tinha algo que muito me cativava: inicialmente ela não me queria.

Perdi semanas pensando nela, passei semanas procurando-a. Era um vício para minha pessoa procurá-la, descobri onde ela trabalhava, descobri onde ela morava e passei a segui-la e montar campanhas em frente a sua casa e ao seu trabalho, se fosse para deitar com alguém, teria que ser com ela. Certo dia em seu trabalho, fui mais uma vez ignorado por ela, isso nunca me ocorrera antes e isto me deixou ainda mais pensativo, me deu ainda mais vontade de estar com ela.

Sabe como findou este relacionamento? Terminou com ela nos braços de um homenzinho qualquer, um ser humano de flácido membro, um que a trataria como boneca para todo o sempre e levaria vinte e dois presentes para ela antes que se tornasse mais um esquecido, mais um passado e eu bem, não sou passado de ninguém, eu sou um sonho recorrente, sou sempre presente, sempre desejado. Sorte dela nunca ter

provado de minhas vontades assim ela teria para sempre a sua, teria para sempre comando de si, não é altamente justo que isso não ocorra?

V

Eu sou o pior representante do homem e não tenho vergonha de assumir isso. Minha intensa indisposição para gostar do que é comum, do que é aceitável nasceu frente à observação cautelosa de alguns seres humanos e suas atitudes medíocres. De fato, algumas atitudes que tomo poderiam ser confundidas com algumas atitudes escancaradamente humanas, mas não.

Não prego uma falsa castidade, uma falsa diversão [na falta de castidade] ou qualquer outra espécie de falsidade. Encaro a vida, encaro a falta de objetivo da vida, a falta de missões para o homem, felicidade, destino, futuro, amor, meras criações humanas para tentar dar sentido à vida, eu sei que não há objetivo natural para a vida e convivo com isso e para sentir esta dor de forma bem aguda permaneço sóbrio a maioria do tempo, permaneço fitando meus medos, permaneço isolado, a grande diferença entre minha pessoa e a vossa é que não me engano com mentiras, minha vida poderia se encerrar agora ou daqui vinte anos que isso não faria a menor diferença, ela teria a mesma ausência de sentido.

Quer saber o que pensa o homem sobre o homem? Para o homem o outro não passa de vinte reais para colocar o combustível no quarto, um peso a mais para carregar, sempre pensa que é o inimigo que deve derrotar, o outro não é como ele, é sempre um abastado que nasceu com mais sorte, um alvo, um inimigo a ser derrubado, um invasor, um objeto a ser usado e depois descartado.

VI

Acordei no outro dia mais cansado do que o normal e posso atribuir esta sensação a incapacidade de dormir tranquilamente, capacidade esta que adquiri após muitas noites acordado pensando sobre coisas que “não deveria pensar”. Alguns falam sobre minha verdade, sobre verdade universal, sobre o certo e o errado. Diria que não existe verdade nenhuma para nos segurar vivo, para nos fazer continuar caminhando sempre em frente na sinuosa jornada da vida.

Acordei neste dia e comecei a pensar, perdendo trinta minutos no processo, em algo que eu possa fazer neste dia que possa evitar que eu me mate. Felizmente ou infelizmente encontrei algo, aquela linda mulher que conheci na praia, com certeza, me daria meia hora de ouvidos e escutaria minhas besteiras até o momento em que transaríamos. Com toda

certeza, depois da relação me sobraria somente aquela sensação de vazio, experimentada com homens, mulheres e animais, e, com certeza, começaria a imaginar como seria bom se uma bala atravessasse minha cabeça e não fosse preciso acordar no dia seguinte. Apesar do final já previsto resolvo arriscar, quem sabe ela me mostra uma posição nova, algo de novo que possa me entreter até que meu corpo adormeça mesmo que minha mente continue sonhando com inúmeras coisas totalmente sem utilidade.

Levantei da cama, vesti minha calça azul desbotada, minha camisa preta que de tão velha já está cinza, minha boina preta e como eu gostava de brincar, meu cigarro de escritor na orelha e outro já acesso na boca ‘meu café da manhã’, minhas meias de pares diferentes e minha bota finalizavam meu figurino. Fui à cozinha, fiz e bebi um pouco de café, algo perto de três copos americanos e sai para a praia para esperar pela minha salvadora do dia. Lá chegando sentei-me para ler “Berenice” de Allan Poe, esperando pela senhorita que sempre vinha vender seus doces para os que passam e ali iria abordá-la assim como o fiz uns dias atrás.

Iria comprar um doce e conversar com ela, pois havia no meu bolso um capital resultado de uma noite de sexo com uma bela senhora ignorada por seu marido. Chamaria a vendedora para sair e depois iria para sua casa. É um belo espécime de mulher, branca, dos cabelos castanhos escuros, com os olhos vivos e cor de mel, um corpo farto e ao mesmo

tempo bem equilibrado, se a encontrasse à venda no mercado de escravos brancos a compraria sem pestanejar. Eu a desejava e apesar dela me querer e isso me matar um pouco o desejo, eu iria conquistá-la naquela noite.

E lá vem ela, distribuindo seu sorriso para qualquer um que prometa comprar um de seus produtos, uma prostituta do sorriso, posso assim dizer e posso assim tratá-la, como uma prostituta. Sorri para mim também e eu retribuo com certo esforço, compro um doce e afirmo que está realmente bom, ela me responde com uma frase feita, diz que tudo que faz é bom, sorrio de forma amarela, engulo seco e respondo que gostaria de saber se realmente é verdade tal afirmação.

Ah como odeio mulheres e homens oferecidos, mas, mesmo assim, resolvo dar uma chance a esta, quem sabe ela me surpreende, quem sabe ela assim é somente para minha pessoa, ainda posso alimentar uma doce ilusão sobre esta senhorita prostituta dos doces e sorrisos. Saímos caminhando e conversando sobre nossos interesses, digo que sou interessado em livros, em páginas em branco e mulheres, ela se interessa em coisas variadas demais para se interessar por algo verdadeiramente assim como ela ri para pessoas demais para poder rir de verdade para alguém, assim como ela se entrega para pessoas demais para se entregar para alguém de verdade.

Entre seus interesses podemos destacar matemática, comida estrangeira, festas, fazer novos amigos, passear por

todo o mundo, gosta de andar de carro, gosta de assistir televisão, gosta de nadar, de brincar, de beijar, imagino que sua especialidade não seja o beijo na boca. Ajudei a vender com meus sorrisos amarelos e meus discursos mais que batidos e consegui até vender alguns doces a mais e isto deve ter despertado nela a vontade de querer me retribuir de alguma forma.

Fomos à pequena residência da moça e começamos a beber de forma bem exagerada. Com o capital que dispunha comprei a bebida e algo para comer e esta foi nossa única parada no caminho para nosso destino. Tive que aguentar aquele papo sem cabeça, aquele nada estruturado que se apresentava em sua fala, me sentia enojado, mas suas belas coxas me faziam continuar andando. Após muito beber comecei a declamar: “Salientei-me, desde a infância, pela docilidade e humanidade de meu caráter. Minha ternura de coração era mesmo tão notável que fazia de mim motivo de troca entre meus companheiros” e continuei com O gato preto enquanto ela se aninhava entre minhas pernas e eu, sentado em uma cadeira e ela sentada no chão a minha frente perdia a concentração enquanto ela me olhava com aqueles olhos vivos, ouvindo atenciosamente e ao mesmo tempo pedindo a minha atenção.

Parece-me que sua experiência com homens lhe fez agir de forma mais que comum, começou a me acariciar e em pouco tempo estava me chupando enquanto eu, entediado

olhava para o teto forrado com madeira. Transamos e além da obviedade da coisa não posso adicionar nada, apenas mais uma mulher que transa como qualquer outra, mal satisfeita e que se satisfaz com a menor fagulha de atenção de um homem. Após o ato fiquei deitado naquele colchão colocado no chão fumando um cigarro e pensando na perda de tempo que fora aquilo e qualquer outra coisa que havia feito.

O telefone toca. A menina se levanta e me chama para acompanhá-la. Saímos correndo e apesar da cara de desespero dela eu não tenho a menor vontade de me preocupar com uma desconhecida e a sigo apenas pela curiosidade do que há de vir, que maldição pode ter abatido a família dela e o que poderia ser feito para fazer com que tal destino se abata sobre mim. Chegamos a uma casa simples após passar por muitas ruas simples e de gente que não me agrada.

Ela entra desesperada na casa e eu a sigo calmamente. Passo por uma sala com um sofá, um ventilador de teto e um aparelho televisivo ligado e chiando muito, entro em um quarto a direita e lá vejo uma mulher abraçada a um corpo e chorando e a senhorita dos doces passa a acompanhá-la. Na cama totalmente inerte o corpo de um senhor careca, obeso, com uma camiseta vermelha e uma cueca branca, ele jaz deitado com uma mancha vermelha sobre o lençol amarelo, é possível ver um buraco rubro em sua cabeça e deste um veio de sangue escorre.

Em sua mão direita uma arma, uma pistola de calibre desconhecido por mim pode ser encontrada, instintivamente pego a arma do pobre suicida e penso que com a casa, a filha e a mulher que ele tem eu também me mataria além dos motivos comuns que poderia apresentar para justificar tal ato. Com a arma em minha mão e sendo prontamente ignorado pelas chorosas mulheres sento em uma cadeira na varanda da casa.

Qual o real motivo para esta arma existir? Ela pode ter existido para matar aquele homem ou matar outros homens, mas realmente qual o real motivo para ela existir e posso ainda perguntar qual o real motivo para o homem existir? Muitos acreditam em céu, em missão, em destino ou em qualquer outra coisa que dure para sempre, que tenha existido desde o sempre e que nos possibilite pensar em algo que nos seja motivador. Pense em um homem que morrerá em poucos minutos. Não importa o que ele tenha feito, sua vida terá sido insuficiente para ele e, com certeza, se arrependerá de muitas das coisas que fez e das muitas coisas que não fez e facilmente chegaria a conclusão que de nada valeu a vida dele se ela tem um fim, um ermo. Assim pensa o homem em tenra idade e em todas as idades e passa a inventar e acreditar em missões e coisas eternas, bem, isto é apenas um resumo, mas para mim é bem assim que ocorre.

Para perpetuar a espécie, diria um homem. Mas porque de existir na terra tal maléfica espécie de animal que tem como objetivo unicamente destruí-la e matar os seus? Para que

darmos o “dom da vida” (o que chamaria de maldição da vida) para nossos descendentes se daria a estes somente a chance de sofrer cada vez mais e por nada já que a morte é “como daqueles sonos que não percebemos nada” e não existe nada após dela. Vamos do nada para o nada, tomamos decisões, realizamos fatos que de nada adiantarão a não ser para nós e para algumas gerações depois de nós. Não seremos eternos, nossa existência não tem motivo.

Observo a capacidade de carga da arma e se ela está carregada e percebo que ela pode disparar pelo menos mais três vezes. Cautelosamente aponto a arma para minha frente, depois a coloco debaixo de meu queixo em um ângulo que provavelmente o projétil atingiria meu maldito cérebro e por último coloquei na direção de minha boca, avaliei a melhor das mesmas e resolvi colocá-la na boca, a mais clássica das formas. Pessoas começam covardemente a se acumular na calçada para ver o terrível espetáculo.

Eu digo: Adeus maldita raça assista minha despedida triunfal, saio desta terra como entrei, pelos meus próprios meios, nenhum deus, nenhuma doença, nenhuma moral me matará, eu sou o causador de todos meus infortúnios e, como neste caso, de todas minhas alegrias. Aperto o gatilho e os três milésimos de segundo que me separam da morte não fazem a menor diferença, assim como os outros milésimos de segundo, segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses e anos de minha miserável vida.

Minha despedida consiste em dizer a todos que me arrependi completamente de ter vivido e todos vocês esquecerão tudo que fiz e escrevi em tão pouco tempo comprovando minha teoria, comprovando que foi inútil tudo que fiz, tudo que escrevi e todos os momentos e processos que me trouxeram até aqui. Divido com um outro qualquer o cenário de minha morte e eu, ao contrário dele, não terei parente nenhum para me velar e direi mais uma obviedade: isso não faz diferença nenhuma, reflitam bem sobre isso. No dia que percebi isto parei de me importar com as coisas que viriam em breve ou em um tempo maior, os momentos de felicidade não são nada mais que um breve respiro antes de continuar a tortura e o momento de tortura é eterno. Não tenham pena de mim por pensar que vou para o inferno ou outro lugar, tenham pena de vocês que ainda acreditam nestas mentiras, que ainda acreditam que estão vivos.

Published And Distributed by
Appaloosa Books – Online Indie Publishing

Mictlán
By Rafael de Andrade | All rights reserved

2018